Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 769

10 DE MAIO DE 1900

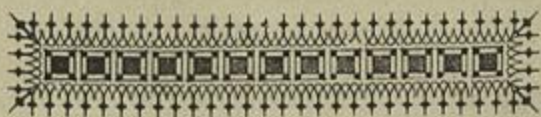
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

MONUMENTO DO DUQUE DA TERCEIRA, EM LISBOA

(Copia de uma photographia do sr. Santos Pinto)

CHRONICA OCCIDENTAL

Temos a musica na ordem do dia: com intervallo curto, dois bellos concertos. E nem menos de duas companhias de opera se acham funccionando agora entre nós.

Não vamos com isto julgar que já Lisboa caminha na vanguarda da civilisação com respeito ao culto prestado á mais divina das artes, como desde ha muito, querem á musica chamar-lhe. Mas passos de valor e bem norteados já foram dados e vai felizmente longe o tempo em que em meio d'um concerto no Salão da Trindade um espectador desabafava: — Ó senhores! Isto ainda é peor que uma regata!

A escolha dos programmas já, de per si, é bastante para nos provar a direcção dada á cultura intellectual do nosso publico, que elle tem acceitado com mais doçura do que era previsão de muitos.

O concerto do maestro Sarti realisou-se na grande sala do Conservatorio, perante numerosa e selecta concorrencia de espectadores. Tomaram parte na execução do programma M.me Sarti e as sr.as Condessa de Proença-a-Velha, Viscondessa d'Almeida Araujo, D. Josephina Aboim e o sr. José Eduardo Pinto da Cunha.

O publico anonymo tem de contentar-se com os espectaculos do Colyseu e do theatro D. Amelia; mas nem por isso tem razões de queixa. São companhias baratas e, com serem despretenciosas, nem por isso deixam de merecer palmas e concorrencia.

O tempo continua de molde para chamar gente aos theatros. A's vezes chuvoso de mais. Noites que ainda parecem de inverno. Que será feito do maio de outros tempos?

As bategas d'agua, que, ás vezes, caem nas cupulas vidradas fazem erguer as cabeças dos espectadores ameaçados d'uma má volta para o lar domestico, distrahidos por instantes dos impetos do Rhadamés acompanhados a cornetim ou dos queixumes dulcissimos da Somnambula ao pastorinho de chapéo de palha.

Opera lyrica e toiradas, tudo ao mesmo tempo. Os domingos, á excepção d'um só, teem-se mantido na ordem. Domingo passado, duas boas toiradas na praça de Algés e na do Campo Pequeno.

Fala-se já muito na toirada promovida pela Rainha Sr.ª D. Amelia e que deve effectuar-se no dia 10 de junho na Praça do Campo Pequeno, em favor da assistencia nacional aos tuberculosos. Tomarão parte no espectaculo, que se annuncia esplendido, os mais distinctos amadores, socios do Real Club Tauromachico.

E á volta do Campo Pequeno uma ida até ao Colyseu para ver a *Carmen* ou até ao D. Amelia para applaudir o *Barbeiro de Sevilha!*

Musica e mais musica! D'antes, no verão, havia os cegos da Casa Pia tocando ao domingo no coreto da Praça do Campo de Sant'Anna e já andavamos com sorte. Era o zabumba, que via por um olho, quem dava signal aos collegas, quando o Peixinho mettia o par de ferros.

Mas eram tão alegres essas tardes do Campo de Sant'Anna, com o Batalha, o Mourisca, os dois Peixinhos, os Cadetes e, lá em cima, os ex-cegos da Casa Pia, como por troça lhes chamavam, coitadinhos!... Bum! bum! — Era o Batalha que ia pelos ares!

É o que o Venancio gritava do cantinho da trincheira em frente do curro! O que lhe ouvia o Victorino!

Parece que havia mais alegria n'esse tempo...! dizem os velhotes.

Pudera! Se tinham menos vinte e cinco annos!

E mais sol tambem. Havia mais sol.

Quando, ha dias, no theatro D. Amelia se cantou a *Somnambula* diziam todos os velhos, cheios de saudades: — Isto é que é musica!

Mas d'essa vez, pelo menos, os velhos tinham razão.

Bellini foi um genio e, se hoje voltasse, tal como foi, ainda todos havia de assombrar.

Que linhas purissimas n'aquella obra d'arte!

Nada eleva, nada nos acalma o espirito como a obra do genio, consoladora.

A sede de novos ideaes faz-nos, quantas vezes, percorrer mundos em detestaveis enganos! A fonte purissima temol-a tão perto de nós, á nossa mão, quando a quizermos!

Se da musica passarmos a outras artes, não é, muita vez, mais difficil esse goso das faculdades.

Quem não viu, ha bem pouco, o *Avarento*, de Molière, admiravelmente traduzido pelo Visconde de Castilho?

A companhia de actores que hoje funcciona no theatro de D. Maria, merece elogio pela magnifica escolha que tem feito de seu repertorio. Essa principal qualidade, o merecimento de alguns dos societarios e o cuidado com que teem apurado todas as peças obrigaram a concorrencia do publico durante duas epocas seguidas.

Mas os theatros já pouco darão que falar até outubro.

No theatro da Trindade prepara-se grande festa a Cyriaco de Cardoso, na unica representação do *Burro do sr. Alcaide.*

E' peça de que não sei falar, sem que se me opprima com saudades o coração. Ha nove annos a escrevemos, ha nove annos d'essa nossa collaboração resultou o apertarem-se os laços da minha amizade com Gervasio Lobato e o ter conhecido o grande musico portuguez, Cyriaco, hoje um dos meus melhores amigos.

Durante quatro annos trabalhámos juntos, muito e com sorte. Ha cinco annos que o Gervasio nos deixou.

Pensar no theatro da Avenida n'esse tempo, nos muitos actores e actrizes que então representaram a nossa peça n'esse verão e logo na epoca de inverno a seguir, é olhar para um cemiterio cheio de cruzes!

O que se passa em nove annos!

Mas as tristezas são apenas para nós. O publico continua a rir com o espirito alegre de Gervasio, que esse vive e viverá na obra immensa que elle deixou, e por muitos annos ainda Cyriaco de Cardoso ha de ser pelas platéas applaudido como dos mais notaveis entre os musicos modernos.

E, já que voltámos a falar de musicos e de mu-

sica, não deixemos de fazer nova menção d'um bellissimo concerto, a que já no principio da chronica nos referimos, que foi organisado pela Academia de Amadores de Musica e se effectuou na grande sala *Portugal*, da Sociedade de Geographia.

Dadó em commemoração do centenario do descobrimento do Brazil, o concerto começou pela execução d'um hymno commemorativo, original do sr. Lami. A orchestra executou varios trechos, entre os quaes a abertura do *Guarany* do maestro brazileiro Carlos Gomes.

A enchente era enorme. Entre os espectadores viam-se muitos membros illustres da colonia brazileira.

Esse concerto pôz o fecho ás festas com que Portugal commemorou uma das datas mais celebres da sua historia gloriosa.

A parte mais importante dos festejos n'esse dia de grande gala foi a sessão solemne na Sociedade de Geographia, cuja grande sala, brilhantemente decorada, se encheu de convidados entre os quaes se via grande parte do corpo diplomatico e ministerio.

Logo que, pelas nove e um quarto da noite, chegaram El-rei e a Rainha, Sr.ª D. Amelia, deu-se começo á sessão por um discurso do sr. capitão de fragata, Almeida d'Eça. Seguiu-se lhe o sr. ministro dos negocios extrangeiros. Ambos exaltaram a grande obra de Pedro Alvares Cabral, ambos fizeram a apologia do heroe e saudaram o grande paiz americano que lhe deve a existencia.

Respondeu-lhes o sr. ministro do Brazil acreditado n'esta corte, que fez votos pela eterna união dos dois povos.

Terminou a sessão por um breve mas eloquente discurso do sr. D. Carlos, saudando o povo brazileiro, fala que foi acolhida por uma prolongada salva de palmas.

Outras manifestações houve de regosijo n'esse memoravel dia 5 de maio, illuminações, magnifica exposição de rosas e conferencia na Academia de Estudos Livres pelo professor de litteratura, sr. Agostinho Fortes.

Por telegrammas recebidos do Brazil sabe-se como foram distinctamente recebidos os representantes de Portugal e como o nosso paiz foi exaltado durante os dias de festejos n'aquella poderosa nação.

Reavivámos a memoria dos leitores para a frase que na passada chronica citámos de Manuel de Arriaga sobre os centenarios.

Bem se vê que elle tinha razão.

Grandes festas teem sido essas no Brazil a que não podemos comparar as que ultimamente entre nós temos tido.

Até as festas do Primeiro de Maio foram este anno menos concorridas que nos annos anteriores.

Ainda assim foi imponente o cortejo que da Avenida da Liberdade, pela uma hora partiu em direcção do cemiterio dos Prazeres, onde a commissão organisadora foi depôr uma corôa no tumulo de José Fontana.

No comicio, que depois se realisou na rua Maria Pia, foi lida a representação que será entregue ao parlamento.

Um dos oradores referiu-se ao jogo que está sendo um dos mais terriveis males do operario. Os proprietarios de certas fabricas de Alcantara tambem requereram para que não fosse consentida a feira onde muitos dos seus operarios dispendem a feria, por mal de suas familias. A resposta a estes pedidos foi o deixar-se abrir mais uma casa de bilharistas no Aterro.

E' para bem dos asylos, diz-se, que o jogo se consente. D'aqui a pouco é preciso abril-os para as familias dos jogadores, emquanto os emprezarios felizes hão de gosar da percentagem que da algibeira dos parvos lhes passou para o pé de meia.

Dê-se-lhes tambem uma medalha de philanthropia.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ESTATUA DO DUQUE DA TERCEIRA

No dia 26 do mez findo passou o quadragesimo anniversario da morte do valente marechal do exercito portuguez duque da Terceira, celebre caudilho da liberdade, cuja memoria relembramos reproduzindo a bella estatua do monumento erigido em sua honra na Praça do Duque da Terceira d'esta cidade de Lisboa, á qual elle libertou no sempre memoravel dia 24 de julho de 1833, em que na capital entrou o exercito do seu commando.

D'entre os generaes portuguezes foi elle, sem duvida, um dos que mais assignalados serviços prestou á causa liberal.

Nascido em Lisboa no anno de 1793, era D. Antonio José de Sousa Manuel de Menezes Severim de Noronha filho primogenito do 6.º conde de Villa Flôr e da condessa D. Maria José de Mendonça; sendo o 7.º conde, o 1.º marquez de Villa Flor e 1.º duque da Terceira.

Desde a mais tenra edade começou recebendo as distincções a que o seu elevado nascimento lhe dava direito. Em 1802, a 10 de fevereiro, sentava praça no regimento de cavallaria 4, sendo logo reconhecido cadete e promovido a alferes em 24 de junho de 1807. Não querendo acceitar o dominio francez, pediu logo em 1808 a demissão, que lhe foi concedida. Porem apenas os invasores foram expulsos pediu para voltar ao exercito, sendo promovido a tenente em 6 de dezembro de 1809, e a capitão da 5.ª companhia, do mesmo regimento de cavallaria em que sentára primitivamente praça, a 23 de janeiro de 1811.

Pouco depois passava o moço conde de Villa Flor a servir como ajudante d'ordens do general visconde de Souzel, e em seguida servia ás ordens do marechal Beresford, cargo que começou a exercer em 26 de março de 1813. Foi então promovido a major. Tendo, passado tempo, distinguido-se muito na batalha da Victoria, teve a honra de ser o encarregado de trazer a Lisboa a noticia e de ser recommendado vivamente pelo proprio duque de Wellington ao principe regente na carta que dava a noticia do triumpho. Acolhido com enthusiasmo, foi logo promovido a tenente-coronel, e pelos fins da campanha a coronel. Em dezembro de 1815 recebeu o grau de cavalleiro da Torre e Espada, pelo valor com que se portára nas campanhas da guerra peninsular.

Coronel aos 22 annos de edade, distincto pela sua nobreza e intrepidez, o futuro duque da Terceira conservava no principio da sua carreira um notavel parallelismo com o seu futuro companheiro no marechalato — o duque de Saldanha. Um e outro foram officiaes de tenra edade e ambos se distinguiram na guerra da Peninsula, como mais tarde nas luctas liberaes.

No contradictorio periodo de 1820 a 1824 tão agitado, o duque da Terceira, embora appareça já na vida politica, abstem-se comtudo de tomar parte ostensiva nos movimentos mais conhecidos; e, no Brazil, como depois em missões diplomaticas na Hespanha, conserva sempre as boas graças de D. João VI.

Em 1826, promulgada a Carta Constitucional, foi o Conde de Villa Flor nomeado par do reino por carta regia de 30 de abril do mesmo anno.

Nomeado em 1827 governador das armas do Porto, tendo-o sido anteriormente das do Alemtejo, foi demittido por D. Miguel, assim que o infante chegou a Portugal. Villa Flor, que então já era marquez, emigrou para Inglaterra, onde se pôz ás ordens de Palmella. Vindo ao Porto para tomar o commando d'uma das divisões do exercito, tornou novamente para Inglaterra, e d'ahi sahiu para a ilha Terceira, onde se mantinha o regimen Constitucional e a realeza de D. Maria II, proclamada pelo batalhão de caçadores 5. Palmella nomeou a Villa Flor governador da ilha, e a resistencia foi por elle bem disposta.

Em 11 de agosto de 1829 tentaram os miguelistas, commandados pelo coronel Lemos, o desembarque na ilha, protegidos pela esquadra formidavel que Rosa Coelho commandava. Foi esta a primeira victoria ganha pelos liberaes, e onde Villa Flor adquiriu o seu immenso prestigio.

Nomeada a regencia por D. Pedro, cuja séde era em Angra, foi o conde de Villa Flor nomeado membro d'ella. Depois de muitas difficuldades, a que seria impossivel alludir n'este logar, pôde, em abril de 1831, a regencia tentar assenhorear-se das outras ilhas dos Açores. Por este tempo passou pelo Fayal, que já fora reduzida ao dominio liberal, o imperador D. Pedro em caminho para a Europa. Sujeito pouco depois todo o archipelago ao regimen constitucional, foi D. Pedro alli e tratou de organisar a expedição ao continente, sendo dado o commando da esquadra a Sartorius e o do exercito de terra a Villa Flor, e foi debaixo das suas ordens que se operou o celebrado desembarque do Mindello, e se occupou o Porto abandonado pelos miguelistas.

Então a lucta começou e foi longa, embora se limitasse de principio apenas á defensiva. As successivas derrotas miguelistas foram preparando a entrada em Lisboa a 24 de julho de 1833, que com a batalha da Asseiceira ultimou tão longa e cruenta guerra civil, e a que se seguiu a convenção de Evora Monte, terminando a grande e porfiada lucta da liberdade.

Mas começava o periodo constitucional e as difficuldades, surgindo a cada passo, deram complicações a que mais tarde o duque da Terceira como presidente do governo tratava de oppor energica repressão.

Seria difficil enumerar todas as luctas de tão agitado periodo, mas o caracter pacifico do duque não se amoldou muitas vezes a ellas.

Em 1860, morre o illustre marechal, a 26 de abril, contando 77 annos. Os seus restos jazem em S. Vicente.

Indicada assim, nos estreitos limites de que dispomos, a carreira brilhante do valente e afortunado guerreiro e politico, passemos a falar do monumento que 16 annos apoz da sua morte a cidade de Lisboa viu erigir n'uma das suas praças, que passou a denominar-se do Duque da Terceira, aquella mesma por onde passou em 24 de julho de 1833, o tão memoravel dia, o exercito libertador sob o commando do illustre marechal.

Quando se tratou da erecção do monumento, abriu-se concurso para a construcção sendo adjudicada aos srs. José Antonio Gaspar, architecto, e José Simões de Almeida Junior, esculptor, os quaes executaram fielmente o programma, como era de esperar de tão bem conceituados artistas.

A 12 de maio de 1875 foi referendado um decreto nomeando uma commissão para levantar em Lisboa uma estatua á memoria do marechal do exercito portuguez duque da Terceira.

No dia 24 de julho de 1875 mais de 5:000 pessoas reunidas na praça do Duque da Terceira, depois da luzida parada da guarnição de Lisboa e da continencia em frente da estatua do imperador e rei D. Pedro IV, assistiram com a maior solemnidade, e a concorrencia de Suas Magestades e dos altos funccionarios do Estado, ao lançamento da primeira pedra do monumento, as obras proseguiram regularmente, para que a inauguração pudesse effectuar-se dois annos depois.

O monumento é composto de tres partes: envasamento, pedestal e estatua, tendo em volta um simples degrau, que lhe dá maior elevação. A estatua representa o marechal duque da Terceira, fardado, na attitude nobre e severa que lhe era habitual, com o chapéo armado no braço esquerdo e o bastão na mão direita. Ornam-lhe o peito varias condecorações com que o honraram governos nacionaes e estranhos, na sua longa e gloriosa carreira, porém realça entre todas a gran-cruz da nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito. Na frente, e sobre o dado do pedestal, está saliente o escudo e a corôa do duque, cercados de ramos de loiro, e cintados pelo festão de carvalho que circumda o pedestal. Nas quatro faces do dado foram postas, em letras de bronze, estas inscripções: — *Ao duque da Terceira 1877 — 24 de julho de 1833 — Guerra peninsular 1808 a 1814 — Campanhas da liberdade 1826 a 1834* — que synthetisam a idéa do monumento, e são os titulos mais radiantes do inclito general. Na frente, e sobre o envasamento, estão entrelaçadas uma palma e uma corôa de loiro, emblemas da Victoria. Tem o monumento a altura total de 9 metros; e a estatua de bronze, medindo 3,30 metros, foi fundida pelo sr. Luiz Alves, nas officinas do sr. João Burnay. E' uma obra d'arte nacional e que na sua modestia bem pode servir de modelo no genero.

JULIETA WERMEZ

É a estrella da companhia actualmente cantando com exito extraordinario no grande Colyseu das Portas de Santo Antão.

O publico todas as noites faz ovações colossaes á intelligente artista, eximia interprete dos grandes compositores modernos.

Podendo dizer-se que ainda agora começa sua carreira, já seu nome, com pouca vulgar celeridade, corre mundo, pois que Julieta Wermez tem, pelo seu talento e progressos constantes na arte a que em boa hora se dedicou, o condão raro de gravar fundo na lembrança de todos a interpretação com que illumina todos os papeis do seu vastissimo repertorio.

Tendo sido applaudidissima em differentes theatros de Italia, onde muito lhe ficaram querendo, tendo cantado no theatro Imperial de Berlim e no de Odessa, para este importante theatro foi escripturada para a proxima epoca do carnaval e quaresma.

Breve nos vai deixar para cantar em Vienna d'Austria.

Fazemos votos para que a sua carreira seja tão brilhante, como o foi a sua aurora, e para que por esta nossa terra faça alguma nova estação.

ALBERTO DE MADUREIRA

HORAS PERDIDAS

Publicamos hoje o retrato de Alberto de Madureira, moço, que agora vem de publicar um livro — *Horas perdidas*; onde, ao par do grande sentimento, se encontram, em forma rendilhada e exuberante, as melhores rimas.

É um poeta. Senão que o veja o leitor, de tantos dos seus formosos versos, estas singelas quadras, que elle dedica ao nosso amigo Bulhão Pato, um dos antigos, respeitado pelos novos.

O SAHIMENTO

Os sinos tocam a festa,
não tarda o senhor prior,
e o pobre anjinho sem côr
parece que dorme a sésta.

Que bonito que elle está,
no seu caixãosito azul,
cheio de rendas de thul,
já não sorri á mamã.

Vae de Menino Jesus,
com vestido de setim,
rosto branco de marfim,
nas mãositas uma cruz.

Choram todos em redor
do pequenino caixão,
não ha nenhum coração,
que não sinta magua e dôr.

Cobre-o a mamã de flôres,
com os olhos rasos d'agua,
parece, cheia de magua,
Nossa Senhora das Dôres.

Tocam alegres os sinos,
vae fugir o rubro sol,
na deveza o rouxinol
gorgeia cantos divinos.

E lá vae a procissão,
conduzindo o pobre anjinho,
tão branco, branco de arminho,
no pequenino caixão!

São de encantamento triste estas endeixas pela morte de uma creança. E mais encantados ficarão nossos amigos se lerem todo o livro. Dedicado pelo seu auctor a Thomaz Ribeiro e ao Conde de Valenças, é prefaciado por João Penha, esse delicioso talento, que, no verso ou na prosa, sae dos moldes estabelecidos, para nos dar com o sabor antigo o atticismo moderno. João Penha é um grande do reino, em poesia; e apresentando alguem — consagra-o.

Eis aqui a prosa inemitavel de João Penha; e, que todos nos agradeçam.

«Ha em todos os poetas, que realmente o são, o quer que seja da natureza das mulheres, e é talvez por isso que ellas os preferem a outros quaesquer que as requestem, logo que sejam bonitos, elegantes, ricos, e um pouco marquezes. Têm a mesma delicadeza de sentimentos, a mesma sensibilidade affectiva, e o mesmo sonho de chimeras, mas, ao mesmo tempo, os mesmos caprichos incoherentes, a mesma irritabilidade nervosa, e as phantasias originadas no seu espirito voluvel. Alberto de Madureira, que é um verdadeiro poeta, não podia fazer excepção a esta regra de affinidades, e é só a um capricho de mulher bonita que eu attribuo o seu amavel convite de o apresentar ao publico: ao feminino que o namora pelos seus olhos scismadores, pela sua barba negra cuidadosamente talhada, e pela elegancia irreprehensivel do seu vestuario; e ao masculino, que o conhece já desde ha muito pelo seu primeiro livro de versos: *Ave-Marias*, em que ha composições que poderiam ser firmadas por um poeta de renome.

Assim, e embora a minha apresentação seja realmente superflua, — para satisfazer aos seus desejos, que não contrariam a minha boa vontade, ao publico o apresento, como um dos novos poetas, que tendo tido o bom senso e o bom gosto de se não submetter aos decretos de qualquer das escolas reinantes, segue, já com passo bastante firme, pela estrada real que, desde os tempos luminosos da Grecia e Roma, dão ingresso no symbolico Parnaso.

Nas primeiras poesias de Alberto de Madureira ha todo o lyrismo perfumado de uma alma que sonha e que, com os temores infantis de que o sonho se não realize e se esvaia como o perfume de uma flor, se lamenta como se já sentisse a dôr acerba da perda das illusões. Muitas das suas poesias são de uma ingenuidade deliciosa, e, ao lerem-se, a alma do leitor, distrahida para os mundos vagos do pensamento, pela suggestão produzida por uma phrase, por uma estrophe, sente perfumes de lilazes, vê paisagens longinquas, doiradas pelo sol poente, ouve musicas indecisas que resoam pelas quebradas, e que umas vezes se approximam, e outras se affastam e esmorecem, a capricho da viração. Na edade do poeta, as paixões sentem-se, mas não se analysam, e como o que mais se sente é aquelle divino enlevo da alma e do corpo, que se chama o amor, — a mulher é quasi o unico assumpto que o inspira, — e ninguem, por esse motivo, o censure porque mesmo em outras edades não ha muito por onde alargar.

Ha a paizagem, o campo, a vida rustica e patriarchal, assumpto que sempre inspirou os maiores poetas:

«Rus! quando ego te adspiciam!» dizia Horacio, na cidade eterna, em meio dos prazeres sensuaes, e da lucta das paixões.

Mas, ahi mesmo, a mulher é um adorno indispensavel.

Lá a vemos, com os seus cabellos d'oiro, amamentando o filho dos seus amores, debaixo de arvores copadas, dando alentos, com a sua presença, ao esposo que, de rabiça em punho, lavra o campo de seus paes. Lá a vemos, num sitio recôndito, a lêr num tomo de folhas de setim os versos que ella mesma inspirara, ou, nos olhos do poeta, que os escrevera, o fogo dos desejos, ou o extasiado quebranto dos desejos saciados. Lá a vemos, de braço nú, occupada nos serviços da agricultura, espadelando linho, ordenhando vaccas, ceifando messes, seivando as reprêsas para a irrigação dos prados. Lá a vemos, creança fugida por uma hora ao bulicio das cidades, a presidir alegre, cercada de ruidosos convivas, ao almoço campestre que se ostenta em toalha alvissima, assente na relva, debaixo de plátanos frondosos. Sem ella, a paisagem é deserta e fria: é ella quem a anima, mais que os passarinhos, pelos seus irrequietos movimentos; mais que os múrmuros arroios, pela sonoridade da sua voz argentina ou aveludada; mais que os soes, pela irradiação amorosa de seus olhos, ora tranquillos como um lago, ora agitados como um oceano tempestuoso.

Mesmo para aquelles poetas que, por uma aberração da natureza, ou por motivos secretos que não me é licito revelar, a desadoram, a ella, á mais surprehendente invenção do Padre Eterno; — ainda para esses infelizes é ella quem lhes suggere as mais vehementes estrophes de uma falsa indignação que reprovo. Nada mais terrivel, por exemplo, que a tremenda satyra de Juvenal: *Mulieres*. As scenas nocturnas do forum, os trechos relativos a Hippia, e á mulher de Claudio — que só depois que o dono do lupanar a põe fóra é que

«lascata viris, sed non satiata recessit»;

a revelação dos mysterios da deusa Bona, e muitos outros episodios, excedem tudo quanto possa imaginar-se de mais tremebundo contra esses nossos queridos anjos,—mas tambem nada mais bello, pela impetuosidade do verso, pela nervosa firmeza das estocadas, pela ferocidade da ironia, e pelo desenho surprehendente dos quadros.

Satira maldita que nem uma só mulher poderá lêr sem um desmaio a cada pagina; que nenhum homem deverá lêr antes de casar, e muito menos depois; satira que deveria ser lançada ao fogo dos abysmos infernaes, se d'esse modo se não perdesse uma das mais assombrosas producções do espirito humano! Assim a mulher, ainda debaixo dos seus maus aspectos (imaginarios) é o assumpto quasi forçado de todos os poemas.

Ha ainda, é verdade, a natureza morta, os problemas da metaphysica, e os da luta da humanidade em procura de um bem que nunca se realiza; esses assumptos, porém, e outros semilhantes, são mais proprios de escriptos em prosa, e, apesar de elevados, só a arte por meio dos seus poderosos recursos os poderá revestir da poesia de que realmente carecem.

D'aqui provém que muitos poetas só o são na epoca do cio, finda a qual, esgottado o assumpto, ou esgottados pelo assumpto, atiram o alaúde ás ortigas, e lançam-se na prosa escripta, ou na prosa da vida. Só aquelles que, alem de poetas são artistas é que, transposta aquella epoca, em que o sangue referve nas veias, continuam a versejar, tratando ainda o mesmo assumpto como um sonho retrospectivo, — e isto porque o artista só morre quando a morte real o faz desapparecer de entre o numero dos vivos.

Alberto de Madureira fez o seu primeiro livro de versos na epoca propria, e não podia ficar por ahi porque essa epoca deliciosa ainda continúa e continuará ainda por muito tempo, porque está na lua cheia da sua exuberante mocidade. Finda ella, porém, deixará de poetar? Será como um d'aquelles poetas meteóros, a que ha pouco me referi, que apparecem subitaneamente, e subitaneamente desapparecem?

Não. Neste seu novo livro já o vemos, não unicamente poeta, adorabundo diante do eterno feminino, mas artista tambem, embora hesitante ainda no seu caminhar inquieto pelos escabrosos caminhos do Parnaso. A alma vem comnosco das partes d'onde vimos: a mão faz-se com o tempo, e como Alberto de Madureira tem força de vontade e um profundo amor pelas cousas das letras, será um verdadeiro artista, como já é um delicioso poeta.

Em muitas das suas novas composições, confrontadas com as das *Ave-Marias*, observa se uma mais larga variação nos elementos decorativos dos themas, mais originalidade nas revelações do pensamento, por vezes ironico, e uma mais perfeita união entre esse pensamento e a consonancia orchestral que harmoniosamente o acompanha.

Leiam-no os que professam a mesma divina arte; leiam-no os que a não professam, mas que a entendem, e todos, se forem sinceros, e com vozes que sobrepujarão a de algum cão que ladre, o saúdarão como um poeta distincto, e que já é alguem no mundo das artes.

João Penha.

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

(Concluido do numero 767)

No reinado de *D. José I* apparece-nos um homem de alto espirito e de largas concepções, que, sendo o guia do monarcha, lhe deu o periodo mais bello que a logographia industrial portugueza assignala. Bem podia este reinado ser considerado superior, como o é, ao de D. Manoel se o fundamento de um imperio não fôra cousa para causar mais estrondo do que uma sabia administração assaz digna de ser tomada para modelo em todos os tempos. E' este, pois, o grande periodo da industria nacional. As sabias reformas pombalinas, a protecção dispensada ás grandes iniciativas, constituem um eterno elogio ao soberano que soube conservar no poder um ministro como o marquez de Pombal.

Não é um estudo do desenvolvimento industrial n'este reinado que vamos tracejar, porque tal quadro occuparia um espaço enorme. E' apenas uma rapida enumeração de factos que tanto valem por si mesmos que para lhes perceber a importancia não se torna necessario exaggeral-os.

N'esta protecção á industria nacional, só um ramo d'ella, o da exploração mineira, parece ter sido menos feliz, mas consideremos que todas attenções estavam voltadas para as minas do Brazil, que mereceram a Pombal as suas mais sabias disposições.

Por decreto de 14 de julho de 1750, concede el-rei licença para Christiano Henrique Smiths estabelecer a primeira fabrica de refinar assucar que houve em Lisboa, no largo de S. Paulo, quasi defronte da Moeda, onde se vendeu o assucar ao preço de 100, 120, 140 e 160 réis cada arratel, respectivamente ás quatro qualidades e conforme a taxa estipulada. [1]

O restabelecimento das fabricas de lanificios foi um dos principaes objectos que mais occuparam o ministerio pombalino. A Junta do Commercio, logo depois da sua installação, mandou vir novos mestres e artistas estrangeiros que deram principio ás fabricas reaes da Covilhã e do Fundão.

Porém só em 1764, por uma *Consulta* de 19 de junho, é que se estabelecem de novo as fabricas da Covilhã e Fundão, a que se seguiu a de Portalegre em 1772, todas administradas pela Junta do Commercio. As despezas, que com estes esta-

[1] *Gabinete Historico* de fr. Claudio da Conceição, vol. XII.

belecimentos se fizeram, sahiram do cofre dos pharoes e do dos 4 por cento. [2]

Em 1788 estas fabricas passaram para a posse de particulares.

Até ao terremoto a industria portugueza limitava-se a pannos de linho, linhas de Guimarães, ragens grossas de Braga e de Guimarães, pannos grossos de lã e saragoças; e quanto a sedas havia poucas fornecidas pela fabrica de Lisboa, alem dos gorgorões, proprios para mantos de que até então usavam as mulheres, fabricados em Bragança. Todos os mais generos manufacturados meritos da industria portugueza, para o estabelecimento da fabrica de vidros da Marinha Grande, 32:000$000 réis, que pagou, permittindo-se-lhe tambem o uso gratuito das limpezas do pinhal de Leiria para seu combustivel. Esta fabrica parece que assentou sobre a que da villa de Coina para

ESTATUA DO DUQUE DA TERCEIRA — Esculptura do sr. Simões d'Almeida

chapéos de lã de Braga e da terra da Feira, ferpara consumo do reino e colonias vinham de fóra. [3]

Do producto do *Donativo dos 4 %* sahia a maior parte dos soccorros dados a fabricas novas, com o nome de emprestimos; eis alguns:

A *Guilherme Stephens*, um dos maiores bene- alli se mudara em outros tempos. Stephens inaugurou a sua fabrica em 7 de julho de 1769.

A *João Baptista Locatelli*, para as suas fabricas de algodões, 24:000$000 de réis por diversas vias. Este industrial tambem estabeleceu em 1764 uma fabrica de grude, e outras de azeite de peixe.

Á fabrica de lanificios em Cascaes foram emprestados 24:091$047 de réis. A' de fazendas

---

[1] Quando se deu o terramoto de 1755, offereceu logo a Junta do Commercio a el-rei, em nome da sua corporação, 4 %, percebidos nos direitos de entrada nas alfandegas, com o nome de *Donativo*, para com este producto, cobrado e despendido pela mesma Junta, construir as alfandegas e a praça do Commercio, o que com effeito se cumpriu; e do cofre do donativo egualmente se soccorreu a Junta para o estabelecimento de algumas fabricas.

[1] Jacome Ratton—*Recordações*, pag. 96.

ALBERTO DE MADUREIRA — AUCTOR DO LIVRO «HORAS PERDIDAS»

brancas em Azeitão 66:397$874 reis; á de fazendas brancas de Sacavem, de Guilherme Macormik, a quantia de 6:480$000 réis; para a de tapeçarias de Tavira, de Pedro Leonardo Mergoux e Theotonio Pereira Heitor, 4:000$000 réis; para a de quinquilherias de Alcobaça, de Fernando José Loran, 2:000$000 réis; etc.

Mas não só estes estabelecimentos mereceram protecção. A fabrica das sedas no Rato, e as suas annexas são distinguidas muito especialmente. [1] Junto d'ella se estabeleceu tinturarias, aula de debuxo, officina de calandragem, etc. Anima-se a cultura das amoreiras e a producção da seda; erige-se a fabrica de chapéos em Pombal, de onde saem muitos fabricantes; a fabrica de cutilaria, a aula de estuque e desenho; fabrica de pentes, caixas de papelão, vernizes, relogios, e de outros objectos. Os estabelecimentos de serralheria e de limas em Lisboa e Pernes; a fabrica da louça, de botões, de fundição d'obras vasadas de diversos metaes; de xarões, de folhetas para cravação de pedras preciosas, de lonas na cidade da Bahia, de descascar arroz, no Rio de Janeiro, de pelles, de cortumes; a de loiça no Cavaquinho (Porto) e a da Panasqueira (Sacavem).

A fabrica de meias de estambre de Thomar é comprada por Verdier e Ratton, para n'ella estabelecerem a grande fiação de algodão, que opulenta ainda hoje aquella cidade. Em Aveiro e Ovar, levantam-se fabricas de azeite de peixe, sendo a primeira de João Baptista Locatelli, veneziano, que o extrahia da sardinha, e a segunda do francez Minjoal, que em Ovar levantou um grande estabelecimento. Seguem-se a fabrica de baetilhas perto de Lisboa e a fabrica de cardas de Ratton, etc.

Com um tal desenvolvimento, pois, de fabricas que tanto valem pelos vestigios que deixaram, pelos officiaes que n'ellas aprenderam, que reinado jámais houve em Portugal digno de tão grande memoria? É por isso que nos custa passar além e chegar a epocas modernas.

A civilisação material do paiz não podia deixar de ser acompanhada pelo desenvolvimento litterario. Em 1772, o marquez de Pombal creou 455 escolas; em 1773 mais 47, e dois annos passados sobre a morte de D. José I, o reino contava com 702 escolas. A grande reforma da Universidade, a fundação do Collegio dos Nobres e a aula do commercio [2] são titulos valiosos á consideração de industrialistas e estudiosos.

Abatem-se monopolios odiosos como o do sabão, com o decreto de 20 de dezembro de 1765, que estabelece os preços e a administração das saboarias, e para compensar um dos donatarios do sabão preto, dá-se em resgate ao conde de Castello Melhor, por decreto de 4 de setembro, alem do titulo de marquez, muitos bens de raiz e padrões reaes, uma grande parte da cerca do collegio de S. Roque, que fôra dos jesuitas, com cujo terreno o novo marquez alargou a sua propriedade, no sitio onde é hoje a gare da estação do Rocio.

O descobrimento da argila refractaria em Portugal tambem teve logar n'esta epoca. Um francez, de nome Drouet, estabelece nas visinhanças de Aveiro uma fabrica e fornos de tijolos refractarios. Este Drouet andara por ordem do governo buscando pelas provincias indicios de argila refractaria, até então desconhecida entre nós, e descobriu-a junto do rio Vouga.

Em 1761, Drouet construiu com os seus tijolos no Arsenal do Exercito um forno de reverbero, o primeiro que tambem se viu em Portugal, e de tão grande capacidade que n'elle poude mais tarde Bartholomeu da Costa fundir todo o bronze necessario para a estatua equestre, esse monumento que bem podemos dizer synthetisa por todos os modos a arte e a industria nacionaes no seculo XVIII.

Depois de ter tratado, ainda que tão summariamente, o reinado de D. José I, fallecem forças para considerar as contingencias soffridas pela nossa industria no reinado subsequente. Não que D. Maria I não tivesse prestado alguma attenção aos negocios de administração, mas pelas invasões, que prenunciadas em 1762, nos assolaram em 1807-1809 e 1810.

O ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho estabelece por conta da coroa uma fabrica de papel em Alemquer. Um interessante alvará de 17 de junho de 1769 manda emprazar os sapaes e marinhas de Tavira. Em 1784 o sabio dr. Domingos Vandelli fabrica em Coimbra a melhor faiança que houve em Portugal. Em 1785 erige-se em Alcoentre a fabrica de fiança.

Em 1793 a industria no Brazil progredia ainda graças aos impulsos anteriores. N'esse anno J. Manço Pereira fabrica alli a porcelana, e demonstra que a *tabatinga* brasilica é o legitimo *kaolino* dos chins, tão anciosamente desejado ainda a esse tempo na Prussia e na França.

A fabrica de chitas em Azeitão recebe notavel auxilio. Os seus fundadores obteem, bem como outros velhos industriaes, avultadas pensões para descançarem na velhice. Estabelece-se o filatorio de Chacim, que custou para cima de 30:000 cruzados, as nitreiras de Braço de Prata e a grande cordoaria da Junqueira, que prosperou grandemente. As salinas do Sado occupam cerca de 2.000 operarios e produzem regularmente 226.000 moios por anno.

As invasões francezas são para a industria nacional o *exodo* terrivel. Tudo quanto se havia feito, tudo se aniquilou. Ir mais além, isto é, chegar a epocas mais proximas, não deve ser assumpto proprio da logographia industrial. Permittam-o ficarmos por aqui; porquanto não é agradavel relatar baixezas e villanias, porque assim como a arte só se concebe com o culto do bello, a historia só se deve comprehender com o registo de factos que illustrem e ensinem. Tudo o mais é emmolhar joio e trigo n'um mesmo feixe.

Esteves Pereira.

[1] Vide *Noções Historicas* por José Accursio das Neves, 1827.

[2] Os estatutos da Aula do Commercio foram approvados em 19 de maio de 1759, dois annos apoz a sua creação.

COLYSEU DOS RECREIOS

JULIETA WERMEZ

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

IV

— Não te disse ainda tudo, continuou emfim com voz exaltada, muita coisa tenho ainda para contar-te. Mas quererás tu ouvil-as, quererás tu ou-

vil-as, coração ardente? Ouve a tua irmã, por certo ainda não comprehendeste toda sua desventura. Poderia contar-te como com elle vivi todo um anno inteiro, mas não t'o contarei... e, decorrido esse anno, elle desceu com seus amigos na direcção do rio e eu fiquei sósinha, esperando-o em casa da que elle chamava sua mãe. Esperei-o durante um mez, dois mezes. Depois encontro, um dia, no bairro, um rapaz negociante. Olho para elle e revive em mim a lembrança dos meus annos bons, dos meus primeiros annos.

—Namoradasinha, irmã, diz-me elle depois de comigo haver trocado umas palavras, sou Alioscha, teu noivo. Não te lembras que os velhos fizeram nossos esposorios, quando ainda eramos pequenos? Já te esqueceste de mim? Puxa pela tua lembrança, eu sou da tua terra.

—E por lá que se diz de mim?

Alioscha poz-se a sorrir.

—Dizem que te portas mal, respodeu, que já te não lembras da tua virtude de rapariga e que vives com um bandoleiro, um roubador d'almas.

—E tu, que dizes tu de mim?

Estremeceu.

—Nada bom dizia, nada bom dizia... Mas calo-me, agora que te vejo. Ah! tu deste cabo de mim! Pois tu tambem, compra-me a minh'alma, dou-t'a, dou-te o meu coração, ó minha bella, mofa do meu amor. Sou orphão, agora mando em mim, minh'alma toda me pertence. Não andei como certa mulher, que em si propria matou a lembrança, eu não vendi a minh'alma. Que dizia eu?... Compra-a! Minh'alma não é coisa que se venda, dou-a por coisa nenhuma: dou-a ainda por cima!

Puz-me a rir. E não foi uma nem duas vezes que elle me falou assim. Um mez ali ficou no campo, abandonando sua fazenda e amigos. Viveu só, sósinho. Metteram-me dó suas lagrimas d'orphão. Uma manhã disse-lhe:

—Alioscha, hoje ao cahir da noite, espera-me na praia. Iremos juntos para tua casa. Estou farta d'esta vida de mi eria

Desceu a noite. Faço um embrulho dos meus trapos. Meu coração era ao mesmo tempo alegre e triste. De repente vejo entrar meu amo. Não o esperava.

—Adeus!... Vamos depressa, teremos trovoada no rio e o tempo vôa.

Segui o. Tomamos o caminho do rio. Era longe. Avistamos um botesinho. Um remador, que eu bem conheço, lá está sentado: basta olhar para elle para se advinhar que espera alguem.

—Adeus, Alioscha. Deus te ajude! Pois quê! Demoraste-te e agora é que vais á pressa ter com os teus barcos? Leva-nos, meu bom rapaz, a minha mulher e a mim para junto dos nossos amigos. É longe, perdi a hora do barco e não poderia ir nadando até tão longe.

—Pois vem, disse Alioscha.

Quando eu lhe ouvi a voz, toda a minh'alma estremeceu.

—Senta-te, continuou, o vento é de todos e todos terão seu logar no palacio de tabuas.

Subimos. A noite é escura; nem uma estrella; muito vento; erguem-se as ondas e nós já estamos a uma versta da margem.

Ainda ninguem falou.

—Uma borrasca, diz o meu patrão, uma borrasca seria. Desde que me conheço ainda tal não vi no rio. Logo ha de ser verdadeira tempestade. O bote vai muito carregado e não poderá com todos tres.

—Não, todos tres não caberemos cá; parece que alguem vai aqui a mais.

E ao pronunciar estas palavras a voz de Alioscha tremia como uma corda de rabeca.

—Pois Alioscha, conheci-te pequenino. Fui companheiro de teu pae e juntos comemos o pão e o sal. Dize-me então, Alioscha, não poderias alcançar a praia sem bote ou preferes perder por coisa nenhuma a tua alma?

—Não, não irei. E tu, homem honrado? Se te acontecer em caminho beber a mais uma golada é um máo momento que has de passar.

—Pois não irei tambem, que o rio não pode comigo. Ora agora, Catharinasinha, meu thesoiro, escuta. Lembro-me d'uma noite assim. Sómente as ondas eram mais pequenas e brilhavam estrellas e lua. Só quero que me digas se já te esqueceste d'essa noite.

—Lembro-me d'ella, respondi.

—Tambem te lembras então de certo pacto, não é verdade? Quando um homem ás direitas explicou a uma linda rapariga como, se elle deixasse de agradar-lhe, ella poderia reconquistar sua querida liberdade.

—Tambem me lembro.

Já nem sabia se viva estava ou se morta.

—Tambem te lembras? Pois aqui tens agora um de mais n'este bote. A hora de um de nós acaba de soar. Dize-nos então, minha bella, dize ó minha pomba, a qual de nós soou sua hora, dize uma palavra só...

A palavra não a disse eu...

Catharina não acabou.

—Catharina! chamou por detraz de nós uma voz abafada e rouca.

Ordinov estremeceu. Mourine estava á porta. Apenas coberto com uma capa de pelles, medonhamente pallido, cobria-os com um olhar quasi de doido. Catharina enfiou e olhou tambem para elle, de fito, como fascinada.

—Vem para minha casa. Catharina, disse o enfermo com voz apenas intelligivel.

E sahiu do quarto.

Catharina continuava a olhar para o limiar da porta, como se o velho ainda ali estivesse defronte d'ella. Mas, de repente, o sangue abrasou-lhe as faces pallidas. Levantou se devagarinho.

Ordinov lembrou-se do primeiro encontro d'ambos.

—Até ámanhã, *lagrimas minhas*, disse ella com um sorriso exquisito. Lembra te d'onde fiquei: «*Escolhe entre os dois, ó minha bella, qual te agrada e qual não!*» Lembras-te? Esperas ainda uma noitesinha?

Poz as mãos sobre os hombros d'elle e fitou n'elle os olhos ternamente.

—Não vas lá, Catharina; não remates tua desgraça! Se elle é doido...

—Catharina! gritaram por detraz do tabique.

—E depois? Talvez elle me mate! respondeu Catharina com o mesmo sorriso. Tem tu uma boa noite, meu pobre irmão, tu que nunca me cançarei de contemplar!...

Rolava-lhe a cabeça por sobre o peito de Ordinov e já outras lagrimas lhe regavam as faces.

—São as minhas ultimas lagrimas! Adormece a tua pena, doce amigo. A'manhã has de acordar mais contente.

E abraçou-o, cheia de paixão.

—Catharina! Catharina! murmurou Ordinov cahindo de joelhos deante d'ella e querendo contel a. Catharina!

Ella voltou-se, fez-lhe um signal com a cabeça sorrindo e sahiu do quarto. Ordinov sentiu-a entrar em casa de Mourine. Susteve a respiração e poz-se á escuta; o velho calára-se, ou talvez tivesse outra vez perdido os sentidos. Ordinov, não ouviu mais nada. Quiz ir elle proprio ter com o velho, mas as pernas não puderam com elle e desfalleceu sobre o leito.

V

Ainda muito depois de ter acordado, Ordinov não tinha a consciencia das horas que fossem. Era o crepusculo da manhã ou o da tarde? Quanto tempo estivera dormindo? Em todo o caso bem percebia que fôra morbido aquelle somno. Mas, qaando procurou levantar-se não lhe obedeceram os membros partidos. Tinha tonturas e calafrios. A par da consciencia acordava-lhe a memoria e estremeceu n'um relampago da lembrança revivendo de toda a noite precedente. Eram tão vivas suas sensações que não podia crer acharse já separado d'esse noite por horas longas: pois não fôra n'esse mesmo instante? Não se fôra Catharina agora mesmo d'ali? Tinha os olhos rasos de lagrimas: eram as lagrimas d'essa terrivel noite ou eram lagrimas novas? E, coisa estranha, era-lhe doce o soffrer, embora claramente percebesse que não poderia com outro similhante abalo seu organismo a desmoronar-se. Por instantes, julgando-se prestes a morrer—tanto se lhe haviam exaltado as impressões!—estava prompto a receber a morte como a hospede desejado. Depois tão valente transporte lhe invadiu a alma que quasi chegou ao limite da tensão sua actividade vital. Ardia sua alma, chammejava que era para consummir-se n'um instante, e para sempre apagar-se.

De repente ouviu uma voz cantando. Era uma harmonia que lembrava a das musicas interiores familiares, ás horas alegres das almas. Ali, ao pé d'elle, quasi por cima da sua cabeça cantava a voz clara e firme de Catharina uma canção doce e arrastada. A voz subia, baixava e expirava depois n'um queixume, como se toda se absorvesse na angustia intima d'um desejo insaciado, domado, solapado, sem sahida, no fundo d'um coração consummido. Redobrava depois como em trinados de rouxinol, perfeito symbolo de invencivel paixão e derramava-se em mar de harmonias poderosas como as horas primeiras do amor. Distinguiam-se tambem as palavras simples, sentimentaes, maravilhosamente apropriadas á melodia. Mas Ordinov não dava por ellas. Só a musica o prendia. Ao recitativo simples e ingenuo, substituiu outras palavras, que melhor correspondiam aos occultos recessos—a si proprio occultos—de uma propria paixão, palavrrs cheias *d'ella!* E era agora o ultimo suspiro da paixão sem esperança, e logo pelo contrario, o grito cheio de alegria do coração que finalmente despedaçou as cadeias e se entrega, livre e sereno, ao amor nobre. Eram agora os primeiros juramentos da amante, o perfumado pudor do primeiro córar, e o relampago das lagrimas e os timidos segredos misteriosos, e logo o desejo esteril d'uma vestal, orgulhosa e alegre com sua força, sem véos, sem misterios, e que abre, com riso luminoso, muito abertos os olhos embriagados...

Ordinov não esperou pelo fim da canção, ergueu-se e logo a canção parou.

—Já não é nem boas manhãs nem bons dias que a gente deve dizer-te, meu desejado. Boas tardes! Levanta-te. vem a nossa casa, vem para que eu me alegre. Esperamos-te, o patrão e eu, ambos promptos para servir-te. Apaga o odio em teu amor, se ainda móra em teu coração o ressentimento da offensa. Dize uma palavra boa.

Ordinov seguiu Catharina Mal percebia que ia a casa do patrão. Abriu-se a porta defronte d'elle, e, claro como o sol, appareceu-lhe o sorriso da sua maravilhosa hospedeira. Só a viu, a ella só ouviu, e a alegria trasbordou em seu coração.

—Duas alvoradas se passaram desde que nos avistámos, disse ella estendendo-lhe a mão A ultima tarde vai findar, olha para o céo. São as duas alvoradas da alma d'uma rapariga, accrescentou a rir, a que lhe córa com a primeira vergonha o rosto, quando a alma sósinha fala pela primeira vez e a segunda, a alvorada abrasante que lhe puxa á fronte o sangue vermelho. Entra em nossa casa, entra, bello rapaz. Porque ficas á porta? Honra e amor a ti! Recebe a saudação do dono da casa.

Com um riso musical, pegou na mão de Ordinov e fel-o entrar.

Elle baixou os olhos, temendo encaral-a. Sentia que ella era tão maravilhosamente formosa que não poderia supportar-lhe a vista. E com effeito nunca mais formosa fôra! Um riso de verdadeira alegria scintillava em seu rosto pela primeira vez. Sua mão estremecia na de Ordinov e, se elle erguesse os olhos, veria um sorriso de vencedora illuminar os da rapariga.

—Então! ergue-te, velho, disse ella por fim, como voltando a si. Dize ao nosso hospede duas palavras affaveis. Um hospede é um irmão. Ergue-te, homem altivo, velho orgulhoso. Sauda o teu hospede e toca em sua mão branca.[1]

Só então é que Ordinov se lembrou de Mourine. Os olhos do velho parecia que se apagavam n'uma suprema angustia. Olhava fito para Ordinov, com aquelle mesmo olhar doloroso e doido de que Ordinov bem se lembrava. Mourine estava deitado, mas meio vestido. Sem duvida deveria ter sahido de manhã. Um lenço vermelho tapava lhe o pescoço. Trazia chinellos. Evidentemente ia melhorando, mas ainda estava medonhamente pallido e amarello. Catharina, junto d'elle, apoiava se á mesa com uma das mãos e observava-os attentamente. Mas o sorriso não lhe fugia dos labios. Parecia que tudo ali se fazia por sua vontade d'ella.

—És tu, disse Mourine erguendo-se e sentando-se no leito, és tu, meu inquilino! Tenho culpas contra ti, barine, offendi-te sem saber, servi-me da espingarda. Mas quem diabo havia de saber que eras epileptico? Eu tambem... accrescentou com voz rouca, franzindo o sobr'olho e, sem querer, desviando os olhos. Quando a desgraça chega, não bate á porta, entra como ladrão. Pois não estive por um triz, ha dias, a enterrar-lhe uma faca no coração... a ella! Sou doente, tenho accessos. Agora já sabes tudo. Senta-te e sê meu hospede.

Ordinov, por seu turno, olhava fito para elle.

—Então, senta-te, senta-te! gritou o velho com impaciencia, senta-te, pois que ella assim o quer! Com que então eis-vos irmão e irmã? Amaes-vos como dois namorados...

Ordinov sentou-se.

—Olha para tua irmã, continuou o velho a rir, e mostrando as fiadas de dentes brancos em que nem um só faltava. A vontade! É linda ou não, barine, a tua irmã? Responde. Como são corádas as suas faces! Olha para ella, faz homenagem á sua formosura, mostra-lhe que teu coração verte sangue por ella!

Ordinov lançou contra o velho um olhar irritado. Mourine estremeceu d'aquelle olhar. Uma raiva abafada fervia no peito de Ordinov. Um como que instincto animal advertia-o de que estava

[1] Expressão russa.

em presença de um mortal inimigo. Mas o que não percebia era como e porque ali se encontrava. Era-lhe o espirito como paralysado.

—Não olhes... disse uma voz por detraz d'elle. Voltou-se.

—Não olhes, não olhes, repito, pois que és tentado pelo espirito máo. Tem compaixão da tua namorada.

E logo, sempre sorrindo, cobriu com a mão, por detraz, os olhos d'elle. E logo depois retirou as mãos e cobriu com ellas o proprio rosto. Mas percebeu que o rubor de suas faces se lhe devia ver por entre os dedos e quiz affrontar, sem receio, os risos e os olhares dos dois homens. Ambos olhavam para ella silenciosos, Ordinov com certo espanto apaixonado, como se pela primeira vez avistasse aquella formosura tanto para recear, o velho attenta e friamente Nada se lhe podia ler no rosto impassivel, mas seus labios azulavam-se e fremiam levemente.

Catharina approximou-se da mesa, tirou os livros e os papeis e poz tudo em cima da janella. Respirava precipitada e entecortadamente e por vezes aspirava o ar com ancia, como se o sentisse faltar-lhe. Seu peito roliço enchia-se e abaixava-se como onda junta á praia. Abaixava os olhos e os cilios negros brilhavam sobre suas faces brancas como aguilhadas aguçadas de fresco.

—Filha de czar! disse o velho.

—Minha rainha!... murmurou Ordinov.

Mas logo, recobrou sua presença de espirito sentindo pesar sobre si o olhar do velho, olhar scintillante de maldade e frio despreso. Ordinov tentou erguer-se, mas invencial força pregava-lhe os pés ao chão. Tornou a sentar-se fechando os punhos. Não podia crer na realidade d'aquillo tudo. Cuidava ser presa d'um pesadêlo e que o somno morbido ainda lhe pesava sobre as palpebras. E, caso extranho, não tinha desejos de acordar.

Catharina tirou o tapete velho, abriu um cofre, tirou d'elle um tapete precioso de seda escarlate e d'oiro, e cobriu com elle a mesa. Depois d'uma caixa de viagem, antiga e de prata, tirou tres copos do mesmo metal e com um olhar solemne e quasi sonhador, convidou o velho e o hospede.

—Qual de nós, disse, não tem as sympathias dos outros? Em todo o caso, terá a minha e ha de beber comigo, porque vós ambos me agradaes e ambos sois meus irmãos. Portanto bebamos e todos pelo amor e pela concordia.

—Sim, disse o velho com voz commovida, bebamos e afoguemos no vinho idéas negras! Deita, Catharina.

—Então, tambem mandas que te deite? perguntou Catharina a Ordinov.

Elle deu-lhe o copo silenciosamente.

—Um momento!... disse o velho erguendo a mão. Se algum de nós tem n'este momento algum desejo, que o veja realisado!

Tocaram com os copos uns nos outros e beberam.

—Agora nós, velho! disse Catharina, dirigindo-se ao dono da casa. Se guardas no fundo do teu coração alguma ternura por mim, bebamos! Bebamos á nossa felicidade que viveu! Saudemos os annos que acabaram, saudemol-os! Manda deitar mais vinho, se me amas!

—Teu vinho é forte, minha pomba, e apenas molhas os teus labios... disse o velho sorrindo. E outra vez estendeu seu copo.

—Pois bem, vou proval-o, mas tu has de bebel-o até ao fundo!... Velho, para que viver com uma lembrança dolorosa? Uma lembrança dolorosa faz definhar-se o coração. Pensar é tormento: deve a gente viver sem lembranças, que é a ventura. Velho, bebe, afoga as tuas lembranças.

—Pois tantas penas terás tu tambem, que sabes assim do unico meio de conjural-as? Vamos! bebo á tua saude, Katia, minha pombinha branca! E tu, barine, desculpa que t'o pergunte, tens penas tambem?

—Se as tenho, guardo-as comigo, murmurou Ordinov sem desfitar os filhos de Catharina.

(Continua).

ECLIPSE TOTAL DE SOL EM 28 DE MAIO

Vamos em breve gozar um espectaculo maravilhoso, presenceando um dos phenomenos mais curiosos que a natureza nos offerece. No dia 28 de maio do corrente anno, pelas tres horas e meia da tarde o grande astro luminoso deixará de espargir os seus raios para a terra, deixando-nos durante algum tempo em quasi plena obscuridade.

Mas não nos assustemos por esse motivo, visto que, mesmo nos maiores eclipses, o sol acha-se completamente occulto, apenas pelo espaço de cinco minutos.

Infelizmente, para a cidade de Lisboa, o espectaculo não será completo, visto que apenas serão cobertos pela lua, $\frac{11}{12}$ do disco solar.

No emtanto, deverá observar-se bem, afim de fazer-se uma perfeita ideia do que seja um eclipse do sol, para em seguida podermos narrar o facto aos nossos filhos e até aos nossos netos, os quaes, não tão felizes como nós, é natural que não possam vêr nenhum eclipse como aquelle que no dia dia 28 de maio havemos de presencear.

E dizemos isto porque o eclipse de 30 de agosto de 1905 será tão só visivel no norte da Hespanha, nas costas da Biscaya, perdendo-se parte da sua zona no mar, pelo que o tão surprehendente phenomeno só poderá ser observado por um limitado numero de povoações, não comprehendendo esse numero nenhuma pertencente a Portugal.

Se percorrermos a lista dos eclipses durante o seculo XX, ainda encontraremos um outro, em 17 de abril de 1912, de ephemera duração, o qual poderá ser observado no norte de Portugal, mas sobretudo na Galliza, não nos contemplando, n'essa occasião, a natureza com o espectaculo completo: 1.º por ser um eclipse simplesmente annular, para nós, 2.º pelo seu aspecto não ser tão bello como o do eclipse actual.

E é este o ultimo eclipse total, annular ou parcial, que attinge o nosso reino durante o seculo XX.

Se este seculo, para nós, é pouco fertil em eclipses do sol, menos o serão, os seculos XXI e XXII em que não haverá nenhum que seja vizivel no nosso reino, nem tão pouco nas suas proximidades. Poderemos, por conseguinte, dar-nos por felizes, por não abandonarmos este mundo sem ter assistido ao espectaculo que a natureza nos apresenta mais notavel.

O Real Observatorio Astronomico de Lisboa, sito na Tapada, encarregado de estudar e precisar as linhas da zona da sombra, onde ha de incidir o eclipse, já concluiu os seus trabalhos, estando na intenção de publicar brevemente uma carta adjunta a um folheto explicativo, de modo que todos fiquem perfeitamente inteirados do phenomeno que vão presencear, das suas causas, de todas as circumstancias que o acompanhm, e finalmente de todos os locaes onde mais facilmente se possa vêr essa curiosidade da natureza.

Do excellente trabalho do sr. Frederico Oom, que foi coadjuvado pelos srs. Campos Rodrigues, illustre director do Observatorio Real da Tapada, e Teixeira Bastos, astronomo de primeira classe do mesmo observatorio, extrahimos as seguintes observações:

«É este deslumbrante phenomeno astronomico ainda hoje tido pelo mais importante de quantos se observam, que vae ter logar em Portugal, a 28 de maio proximo futuro, grandioso espectaculo que desde 1870, não se dava no reino, e mesmo então só em uma pequena parte do Algarve, onde aliaz não foi possivel vêr-se por estar o céo completamente encoberto.

Em media um logar determinado não torna a vêr um eclipse total senão passados uns 360 annos A totalidade dura cerca de 1 a 5 minutos, de cada vez, o que tudo sommado, attendendo á frequencia dos eclipses totaes, não dá mais de 8 dias por seculo.

....

Primeiros aspectos do eclipse— Sombra das arvores.—Ao principio, a não ser que se esteja reparando expressamente no silencio e gradual avanço do corpo opaco da lua sobre o astro do dia, nada particularmente desperta a attenção desprevenida. Sómente, a sombra das arvores apresenta então, um aspecto peculiar e insolito. Habitualmente, a luz solar, coada pelos intersticios da folhagem, forma no solo, pequenos circulos aggregados e sobrepostos que não são mais do que imagens do sol produzidas por cada um d'esses intersticios actuando como orificio de uma camara escura. Mas logo que o eclipse tem progredido um pouco, esses circulos substituem-se por crescentes reproduzindo invertida a imagem do astro parcialmente eclipsado.

....

Côres das paisagens.—A diminuição da luz não começa a perceber-se senão depois que a lua tem percorrido metade do diametro solar. Torna-se então, successivamente mais sensivel, constituindo por si só, motivo de extranheza e dando á paisagem um tom livido especial.

....

Sombras ondulantes.—Veem-se então sobre os objectos, umas rapidas e tenues sombra ondulantes comparaveis aos tremulos reflexos que a luz do sol reverberada na agua, produz n'uma parede proxima ou sob os arcos de uma ponte. Umas vezes, estreitas e afastadas, outras, largas e unidas; fugindo á superficie do solo, ora com a velocidade de um homem correndo, ora com a de um comboyo expresso, e ephemeras, impossiveis de medir, são em uns eclipses muito apparentes, em outros, nem mesmo viziveis. Parecem não pertencer á sombra da lua e sómente ter origem nas irregularidades da refracção atmosperica no delgado feixe de luz do crescente solar, quando vae desapparecer ou tem n'esse instante, desapparecido.

....

Sombra da lua no ar.—Depois, a approximação da sombra correndo á superficie da terra como nuvem negra, ameaçadora e silenciosa, que sobre nós se precipita com velocidade mais formidavel que uma bala de artilharia, infunde inevitavelmente uma especie de terror a que em vão se pretende resistir.

....

Este effeito produzido pela sombra lunar é comtudo algumas vezes, pouco sensivel, principalmente quando a atmosphera está de uma limpidez perfeita.

....

Bally's beads.—No momento em que vae desapparecer o delgado crescente solar, succede muitas vezes este phenomeno: rompe-se apparentemente em fragmentos continuos, semelhando contas luminosas ou talvez um diadema de brilhantes que rapidamente vão diminuindo de grandeza, correndo umas para as outras e fundindo-se como gottas de mercurio, até que reunidos n'um só ponto luminoso desapparecem emfim de todo no momento em que começa a totalidade.

....

Apparecimento da corôa.—Seguidamente a esta serie de estranhos phenomenos a escuridão mais consideravel e a admiravel corôa solar apparecendo subitamente, ou quasi, empolgam todas as faculdades do observador, concentrando-as na contemplação extatica do maravilhoso espectaculo, das côres insolitas dos objectos da vida animal e vegetal perturbadas, e do proprio céu»

....

E tempo agora para indicarmos quaes os limites da zona da sombra.

Segundo o mesmo relatorio, e como pode facilmente observar se na figura n.º 1, o limite austral d'essa zona é marcado por uma linha que passa ao norte de Palheiros de Mira, segue por Calvão, Ventoza, Luzo, Fundão, Alpedrinha, norte de Idanha-a-Velha e Proença-a-Velha antes de penetrar em Hespanha.

O limite boreal passa ao norte do Porto, por Castellegos, Aguas Santas e Vallongo, corta a linha ferrea em Recarei, segue por Sinfães, Moreira do Rei e vae passar ao sul de Pinhel e Almeida.

O eixo da zona passa a distancias varias, de Ovar, Oliveira de Azemeis, Oliveira de Frades, Vizeu e Mangualde, sendo esta ultima povoação a que mais perto fica do eixo.

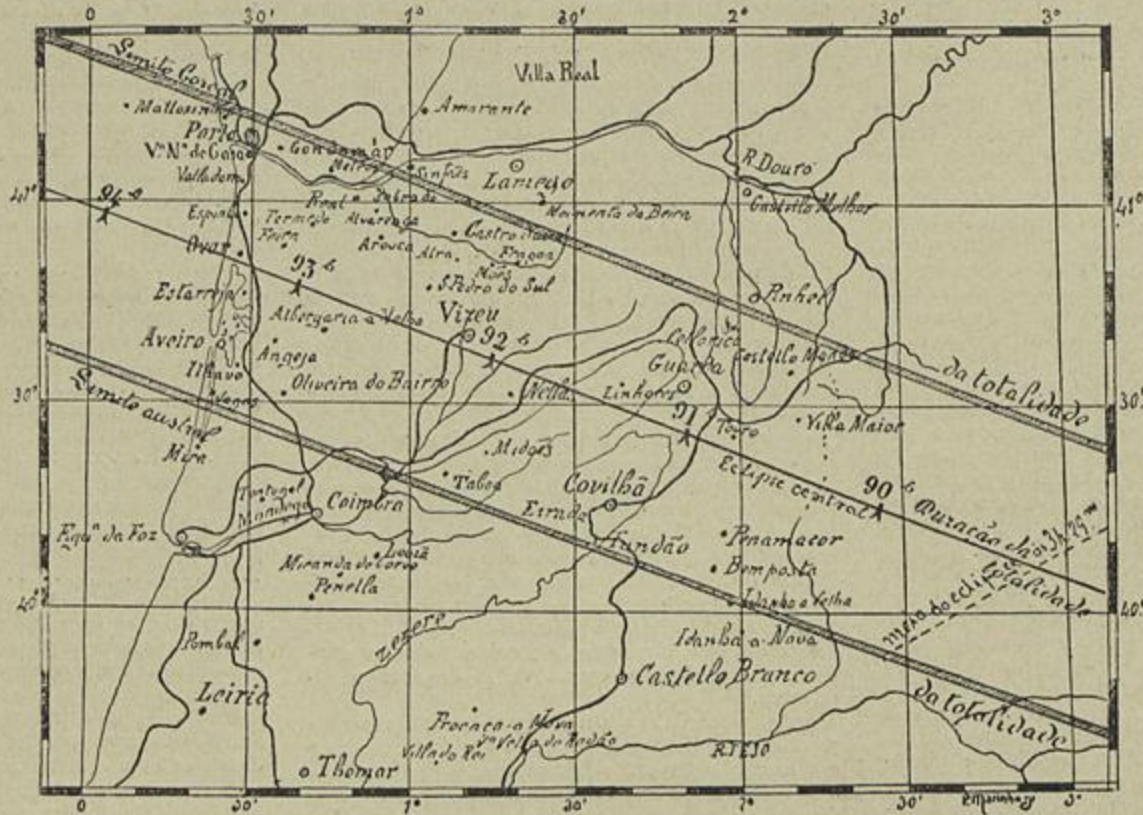
Nos dois limites citados, o eclipse pode, n'alguns pontos, não ser total, modificação devida aos effeitos da refracção da lua, mas esse facto não se pode precisar de antemão. Esses pontos são: No limite boreal, Vallongo, no limite austral, o Luzo.

A area d'este eclipse é enorme, pois abrange quasi meio hemispherio terrestre, comprehendo toda a America do Norte e Central, entrando tambem a Venezuela e a Columbia, todo o Atlantico desde 10º ao norte do equador até ao polo Norte, toda a Europa, e a parte nordeste africana, alguns pontos da Persia, Syria, Egypto, Arabia, o curso do Zaire e uma larga faixa do Pacifico. No emtanto, na maior parte d'estas regiões, o eclipse será parcial. O primeiro encontro da penumbra com a superficie terrestre será no Pacifico a 97º,53' de longitude, meridiano de Greenwich e 10º,4' de latitude norte, ás 11 h. e 35' da manhã, tempo de Lisboa. O ultimo ponto será por 12º,31' de longitude (Lisboa) oriental e 17º,37' de latitude (Sahara) ás 4 horas e 38' da tarde.

A totalidade attinge o seu maximo em Portugal, na villa de Ovar onde a duração será de 93",1, seguindo-se-lhe Vizeu com 91",6, a Serra da Estrella com 91",1, Guarda com 86",6, Aveiro com 78",1 e Porto com 58",4 Começará o eclipse por Caminha ás 2 horas e 5 minutos. Acaba primeiro em Valença ás 4 horas 34' 45" e por fim, em Villa Real de Santo Antonio, ás 4 horas 41' 53".

....

De tudo que temos dito, parece deprehender-se que um eclipse do sol é um phenomeno mais

O Eclipse de Sol em 28 de maio de 1900

TRAJECTORIA DA SOMBRA DO ECLIPSE

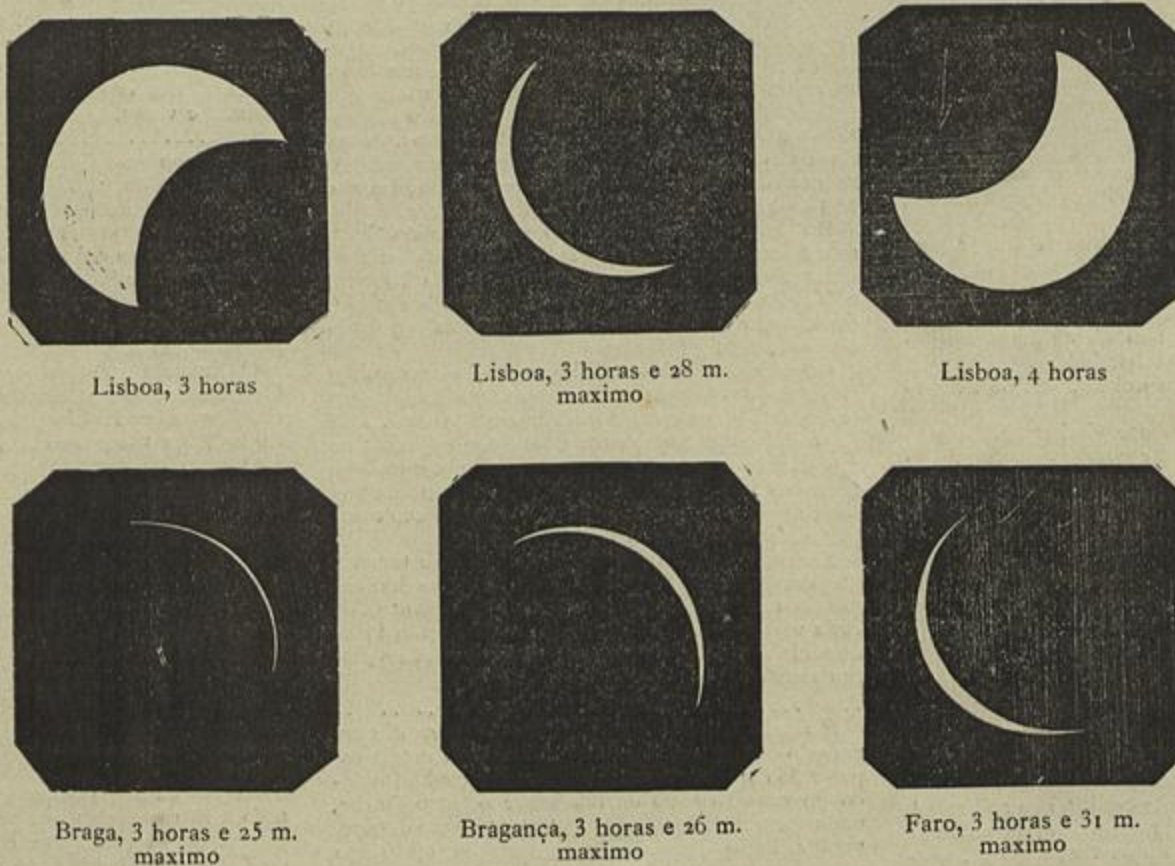
Lisboa, 3 horas

Lisboa, 3 horas e 28 m.
maximo

Lisboa, 4 horas

Braga, 3 horas e 25 m.
maximo

Bragança, 3 horas e 26 m.
maximo

Faro, 3 horas e 31 m.
maximo

ALGUMAS PHASES DO ECLIPSE

raro que um eclipse da lua. Não succede porém assim.

Está calculado em media, por cada 18 annos, 70 eclipses sendo 29 da lua e 41 do sol, sendo por conseguinte, a relação de 2:3.

Mas como explicar que os segundos pareçam menos frequentes? Referindo-nos a um só ponto do globo assim succede, mas no seu conjuncto os factos passam-se diversamente. No caso do eclipse solar, a lua, achando-se entre a terra e o sol, cobrirá este total ou parcialmente, mas só em alguns pontos do globo; não se torna por conguinte geral em todo o mundo. No caso do eclipse da lua, como a terra se colloca entre os dois corpos, a lua ficará occulta, mas o phenomeno subsiste para qualquer ponto do globo, que, n'essa occasião se ache voltado para o nosso satellite. É por isso que os antigos não tinham duvida em annunciar um eclipse da lua, e pelo contrario, atemorisavam-se quando se dava um eclipse do sol.

Os eclipses do sol dão-se sempre na lua nova, os da lua, na lua cheia. No primeiro caso, porque a lua, passando entre a terra e o sol, pode occultal-o durante algum tempo. No segundo, porque a terra achando-se entre a lua e o sol, impede os raios solares de illuminarem a lua.

. . . .

E para terminarmos, um elogio á companhia real dos caminhos de ferro. Isto não é um reclamo, mas apenas uma manifestação de gratidão pelo desejo que ella mostrou de que todo o publico gozasse do espectaculo mais surprehendente que pode admirar-se, reduzindo a 50 % os preços das passagens para o local onde o eclipse é total, pondo assim o phenomeno *ao alcance de todas as bolsas*.

1-5-900.

Antonio A. O. Machado.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.